

ARTIGOS

AS HERESIAS DOS SÉCULOS XII e XIII (II).

NACHMAN FALBEL

Instrutor de História da Civilização Antiga e Medieval
da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo.

(*Continuação*).

II

OS VALDENSES.

Origem e caráter da heresia.

Como a riqueza e o poder da igreja eram freqüentemente uma fonte de graves males e os hereges do tempo tiravam disso argumento para as principais acusações contra ela, despertou em algumas almas pias, o nobre desejo de restabelecer a vida pobre de Jesus e da Igreja primitiva, para poder influir mais eficazmente sobre o povo com a palavra e com o exemplo.

Homens como Roberto de Arbrissel († 1117) fundador da Ordem de Fontevrault (Fons Ebraldi), próximo de Angers, em 1100-1101; Norberto de Xanten († 1134), fundador da Ordem Premonstratense, no vale Prémontré (*praemonstratum*) perto de Laon, Francisco de Assis e seus companheiros cultivaram todos o ideal da pobreza apostólica, e da pregação ambulante. Semelhante a estes é, nos seus princípios, o grupo dos pregadores leigos chamados valdenses, que acabaram se encontrando em oposição à Igreja e se transformaram numa seita.

Foi fundada pelo rico comerciante Pedro Valdo ou Valdes de Lyon, que ficou profundamente abalado pela leitura que fez das Escrituras, de acôrdo com o Anônimo de Laon, cêrca de 1173 (1).

Traduziu o Evangelho para o provençal e rompeu todo vínculo com o mundo, confiou seus bens à espôsa, na carestia de 1176 doou

(1). — "Currente adhuc eodem anno" MCLXXIII, na "Chronicon universale anonymi Landunensis", ed. A. Cartellieri, Leipzig et Paris, 1909, p. 20.

o restante de seu patrimônio aos pobres. Homens e mulheres se puseram a segui-lo. Levando a prática e a instrução do Evangelho (2), ei-los em viagem, dois a dois, em apostólica pobreza, vestidos com um simples burel, a exercer, de forma ambulante, a pregação da penitência. Brevemente o movimento se difundiu para muito longe, abrangendo também os Humilhados da Lombardia (Milão), uma confraria de tecelões laicos, dos quais, mais tarde, nasceu uma ordem propriamente dita.

Os *Humilhados* na Lombardia, especialmente em Milão, foram originariamente uma confraria de artesãos (tecelões) que se haviam associado por objetivos econômicos e religiosos, no tempo das lutas sociais da primeira metade do século XII. Mas grande parte deles passou para os valdenses, juntamente com os quais foram excomungados pelo Papa Lúcio III. Os que permaneceram fiéis foram confirmados, em 1201 por Inocêncio III, como ordem religiosa dividida em três classes ou graus:

- 1). — cônegos e cônegos regulares;
- 2). — irmãos e irmãs em associação monástica;
- 3). — homens e mulheres que vivem no mundo seguindo uma regra (terciários), como continuadores da antiga confraria.

Um Geral da ordem aparece somente de 1246 em diante.

Como, porém os valdenses, chamados também “pobres de Lyon” ou lionenses por causa de sua origem, ou saibatate ou insaibatate, pelo uso que faziam de tamancos de madeira (*sabots*), dedicaram-se à pregação da palavra de Deus, sem a autorização eclesiástica e se erigiam juizes dos costumes do clero, o arcebispo de Lyon proibiu-lhes a pregação e os banii.

Valdo se voltou, então, para o Papa Alexandre III (1159-1181) e compareceu pessoalmente ao terceiro Concílio de Latrão (1179). O Papa decidiu que eles podiam pregar somente com autorização eclesiástica prévia. O arcebispo Guichard (1165-1180) interditou a sua pregação e os excomungou. Mas a autorização eclesiástica permitiu que continuassem a pregar (3). Porém, a esta prescrição se submeteram por pouco tempo. A oposição contra a autoridade eclesiástica, por eles motivada com apêlo ao texto dos atos dos Apóstolos, (5, 29) teve como consequência a sua excomunhão pelo Papa Lúcio III, no Sínodo de Verona de 1184, com cataros, os *passagios* e os araldistas, e também os “humilhados ou pobres de Lyon”.

(2). — Mt 10, 5 ss; Lc 10, 1 ss.

(3). — GAUTIER (Map). — “*De Nugis curialium*”, Ed. Wright, Londres, 1850, p. 64-66.

Os “irmãos” e “irmãs” valdenses se viram, então, obrigados a se retirarem para a vida clandestina, recolhendo secretamente seqüizes e simpatizantes (*amici, credentes*), entre os seculares que lhes ofereciam acolhida ou hospitalidade, pois eles mesmo, como os “perrenos”, haviam renunciado ao trabalho manual e se dedicavam, exclusivamente, a pregação ambulante e à assistência pastoral dos seus adeptos. Emulam o triplice ciclo da pobreza, da castidade e da obediência aos superiores, isto é, a Valdo mesmo, qual encarregado de Deus, *prae-positus et pontifex omnium*, e aos bispos, presbíteros e diáconos por êle ordenados.

A Sagrada Escritura, que traduziam para as línguas vulgares, e era, por êle, calorosamente recomendada para a leitura, tinha valor de norma doutrinária absoluta e de código jurídico. Com o correr do tempo, os valdenses italianos se afastaram ainda mais da Igreja, negando provavelmente sob influxo dos cataros, o purgatório, o valor da oração pelos defuntos e as missas de sufrágio, o culto dos santos, as indulgências, o juramento, o serviço militar e a pena de morte, e admitindo, como sacramento, somente o batismo, a eucaristia e a penitência.

A seita valdense não conseguiu se manter unida por muito tempo.

Os “lombardos” queriam ter, malgrado a oposição de Valdo, a eleição e a ordenação dos próprios pastores e conservar as suas próprias associações de trabalhadores, isto é, a prática do trabalho manual remunerado. Assim, em 1210, chegou-se à ruptura que permaneceu ainda depois da morte do fundador (1217).

Enquanto os valdenses da França, confinados substancialmente no Languedoc, na Provença e no Piemonte, não obstante suas doutrinas heréticas, mantinham, contudo, certo liame com a Igreja católica e participavam de sua liturgia; o “valdenses italianos” passaram à mais agressiva oposição, negando a validade dos sacramentos administrados por sacerdotes católicos e instituíam um serviço litúrgico próprio. Este ramo lombardo se descobriu numa grande atividade, valendo-se de uma propaganda clandestina ativa, conseguiu difundir-se não só no Piemonte e na Sabóia, mas também na Alemanha meridional e oriental, na Boêmia, na Morávia, na Polônia, na Hungria, na Itália meridional, conquistando muitos adeptos.

A Inquisição teve muito que fazer com êles até a época do Renascimento. Muitos valdenses foram levados à fogueira, outros, porém, foram reconquistados com a persuasão pacífica.

As heresias dêste período, especialmente a dos cataros, foram combatidas desde o seu início, pela Igreja, que empregou, para êsse fim, não só as armas pacíficas da admoestação e da persuasão, mas,

não bastando essas, applicou também gravíssimas punições, com o auxílio do braço secular. A repressão se apresentava como um direito e um dever de legítima defesa, para proteger o tesouro da unidade da fé e da ordem cristã.

Já os Imperadores cristãos da Antigüidade, de modo especial Teodoro, o Grande, e Justiniano, haviam castigado os hereges e os cismáticos, com a “confiscação dos bens”, e com o exílio, e mesmo com a pena de morte, considerando-os réus de traição. Na alta Idade Média, o juízo sinodal dos bispos punia também delitos contra a religião, contudo a punição dos hereges tinha limitado, geralmente, a pena espiritual, como a excomunhão, a penitência da flagelação e a reclusão claustral. Mas, quando nos séculos XI e XII, o movimento sectário aumentou rapidamente na Itália e no sul da França, foram applicados também a confiscação dos bens e o encarceramento (*immuratio*), a incisão com o ferrete da infâmia e o exílio, na França setentrional e na Alemanha e, justamente por insistência de laicos, a pena de morte (enforcamento e fogueira). Inútilmente alguns homens eminentes como São Bernardo e Gerhoh de Reichersberg (4) condenaram o uso da violência (*fides suadenda est, non imponenda*).

Diante da maré montante dos cataros e o ímpeto dos valdenses, vários Sínodos do século XII inculcaram, expressamente aos príncipes, o dever de punir os hereges. O passo decisivo para a organização da luta contra a heresia foi alcançado num acôrdo comum da Igreja e o Estado no Sínodo de Verona, 1184. O Papa Lúcio III e o Imperador Frederico Barbaroxa, decretaram contra os hereges, seus protetores e defensores, a excomunhão, e para todos êles o banimento do Império, e ordenaram que os bispos dos lugares suspeitos buscassem os hereges uma ou duas vêzes por ano pessoalmente ou por meio de comissários competentes. As autoridades civis deviam também proceder segundo as instituições dos bispos para a punição dos culpados. O rei Pedro II, de Aragão, em 1197, promulgou para o seu reino, severos éditos contra os hereges, cominando a pena da fogueira. Uma ulterior evolução até a completa organização da Inquisição, como foi chamado o competente tribunal instituído para os assuntos da fé, se verificou no século XIII.

Para a recuperação dos valdenses, Inocência III reuniu em Milão, os *humiliati* numa ordem religiosa e fundou as companhias dos “Católicos pobres” (1208) e dos “Lombardos reconciliados” (1210).

Mas estas últimas se dissolveram muito cedo, assumiram-lhes as atribuições, não muito tempo depois, e em medida mais ampla, as ordens Dominicana e Franciscana.

(4). — São Bernardo, *Sermo in Cant.* 66, nº 12.

A doutrina valdense.

A crença herética formulava a concepção de que a Igreja era pura e incorrupta até o tempo de Constantino, quando o Papa Silvestre ganhou a primeira possessão temporal para o Papado e assim começa o sistema de uma rica, poderosa e temporal Igreja, tendo Roma como sua capital.

O inquisidor Sacconi dá uma idéia da crença dos valdenses. Ele os divide em duas classes, uma, os do norte dos Alpes e outra, da Lombardia.

A primeira classe assegura que:

- 1). — juramentos são proibidos pelo Evangelho;
- 2). — a pena capital não é permitida ao poder civil;
- 3). — todo laico não pode consagrar o sacramento do altar;
- 4). — a Igreja romana não é a Igreja de Cristo.

A seita lombarda assegurava que nenhum pecado mortal podia consagrar o sacramento, e que a Igreja de Roma era a mulher marcada do Apocalipse, cujos preceitos não deveriam ser obedecidos, especialmente aquêles apontados como dias de jejum.

À diferença dos cataros, opunham-se ao ascetismo e não tinham um sacerdócio oficial; ao mesmo tempo pela oposição a juramentos e à pena capital, aproximam-se dos cataros.

O mais antigo documento valdense é uma narração de uma conferência tida em Bérghamo, em 1218, entre os transalpinos e os lombardos, em que estes últimos mostraram uma grande oposição ao sacerdócio dos seus irmãos do norte.

A seita e a heresia dos valdenses reconhece em sua própria Igreja, uma tríplice hierarquia de diácono, presbítero e bispo.

Ordem do bispado. — O bispo entre êles é chamado de *maioral*; é eleito ao maiorato pelos presbíteros e diáconos. A cerimônia da eleição do bispo se faz com uma prece comum, com uma confissão privada, e depois pública, dos seus pecados. Depois um maioral, ou na falta deste, um dos presbíteros presentes, recita o *Pater Noster*, impondo as mãos sobre o eleito, a fim de que receba o Espírito Santo. Após, todos os presentes, segundo sua hierarquia, impoem as mãos sobre o eleito. Com isso está feita a eleição.

Ao bispo compete administrar os sacramentos da penitência, da ordem e da eucaristia e de conferir aos presbíteros o poder de pregar o Evangelho e de ouvir as confissões. O maioral pode absolver a quem fôr que confesse seus pecados. Pode absolver alguém de seus pecados.

Ordem do presbiterato. — Se faz a ordenação do presbítero da seguinte forma: após a oração e a confissão dos pecados, o maioral impõe suas mãos e os outros presbíteros presentes também o fazem. E', portanto, o maioral, que confere a ordem por imposição de mãos.

Êstes presbíteros devem ouvir as confissões dos pecadores, mas não podem absolver os pecados e nem celebrar. Podem, porém, ordenar um maioral, caso todos os outros estejam mortos.

Ordem do diaconato. — Assim é ordenado o diácono: após a prece e a confissão dos pecados, o maioral recita o *Pater Noster* e sòmente êle impõe as mãos ao ordenado, a fim de que êste receba o Espírito Santo. Com isto termina tôda a cerimônia. Assim, ordenado, o diácono passa a pertencer ao estado e à condição dos valdenses, pelos votos de pobreza, castidade e obediência. Sòmente após a ordenação é que êles são considerados "perfeitos", os demais são os "crentes" e dêstes últimos é que recebem os meios de subsistência.

Ao diácono compete ajudar o maioral e os presbíteros no que concerne às necessidades materiais.

O diácono não tem poder de ouvir as confissões. Bispos, presbíteros e diáconos são ordenados pela oração e pela imposição das mãos sem nenhuma cerimônia complementar. São escolhidos indistintamente entre os laicos e ignorantes, bem como entre os letrados, com a condição de que sejam provados anteriormente na seita.

* *
*

Apêndice 3.

Sôbre os valdenses no *Manual do Inquisitor* de Bernard Gui, lemos:

... quorum apostolorum imitatores et successores falsa paupertatis professione et ficta sanctitatis ymagine se esse temerosè asserebant, aspernantes prelates et clericos, quia divitiis habundabant et in deliciis vivebant".

"Item, prelati et clericis ac religiosis, Romane ecclesie, detrahentes statum eorum, reprobant et condemnant et dicunt eos esse cecos et duces cecorum et non servare evangelii veritatum nec sequi apostolicum paupertatem. Item, ipsam Romanam ecclesiam domum esse mendacii mordacitur mentiumtur. Item, se ipsos vite et perfectioni apostolice comparantes et meritis coequantes, in se ipsis inanitar gloriantur, dicentes se esse successores apostolorum et jactantes se tenere et se servare evangelicam et apostolicam paupertatem" (pág. 48).

As citações de Guidonis se baseiam na “De Inquisitione hereticorum” de David d’Augsbourg.

“Item, communiter vocant se fratres et dicunt se esse pauperes Christi seu Pauperes de Lugduno” (pág. 52).

“Duo siquidem sunt genera secte ipsorum: quidam enim eorum sunt perfecti, et isti vocantur proprie Valdenses”. “Isti nichil proprium dicunt se habere nec domus nec possessiones nec certas mansiones” (pág. 58).

“Non autam statim in principio aperiunt secreta erroris sui, set prius dicunt quales debent esse Christi discipuli ex verbis evangelii et apostolarum, dicentes illos tantum esse apostolorum successores qui vitam eorum imitantur et tenent; et ex hoc arguunt et concludunt quod papa, et episcopi et prelati et clerici, qui habent divitias hujus mundi et sanctitatem apostolorum non imitantur non sunt ecclesie Dei veri pastores et gubernatores, sed lupi rapaces et devoratores nec talibus Christus dignatur committere Ecclesiam sponsam suam et ideo eis non est obediendum” (pág. 50).

Outra fonte para Guidones é o *De septem donis Spiritus Sancti*, de Etienne de Bourbon.

III

A SEITA DOS PSEUDO-APÓSTOLOS OU APÓSTOLOS DE CRISTO.

O início da seita foi em 1260. Foi fundada por Gérard Segarelli, de Parma, que foi queimado em 18 de junho de 1300. Teve como sucessor um certo Dolcino de Novara, filho ilegítimo de um padre. Este conseguiu muitos adeptos e foi preso juntamente com sua companheira Margarida. Ambos foram condenados como heréticos pela Igreja e queimados. Bernard Gui, a esse propósito observa:

“Modus autem receptionis quo hujusmodi Pseudo-apostoli recipiuntur ad sectam et ordinem illum talis esse dicitur, sicut habitum est ab aliquibus eorumden in judicio deprehensis, videlicet quod ille qui debet recipi aut profiteri illum ordinem, prius informatur per aliquem vel aliquos alios ejusdem secte vel ordinis de modo et ritu vivendi ipsorum et de perfectione illius vite quam dicunt esse apostolicam. Et postmodum in aliqua ecclesia coram aliquo altari vel etiam in aliqua communi, presentibus aliquibus ejusdem secte vel ordinis vel etiam aliquibus aliis, ille exuit se omnibus vestimentis suis in signum expoliationis et renuntiat omnibus que possidet in *signum perfectionis evangelice paupertatis* et in corde suo facit votum. Deo quod deniceps vivet in paupertate evangelica. Et ex tunc non debet recipere pecuniam nec habere nec portare, set debet vivere de elemosinis que sibi gratis et sponte ab allis offerentur, nichil in crastinum reservando. Item, non promittit obedientiam alicui homini mortali set soli Deo, et ex tunc reputat se esse in statu aposto-

lice et evangelice paupertatis et perfectionis et soli Deo et nulli homini esse subjectum, sicut fuerunt apostoli subjeti Christo et nulli alii”.

Segarelli, como fundador não deu nenhum ensinamento doutrinial à seita. Iltrado e místico, contentou-se em repetir algumas regras de conduta moral caras a certos meios franciscanizantes e de se inspirar na linguagem profética de Joaquim de Flora.

Dolcino de Novara diz, em suas cartas, que Segarelli foi uma planta divina, um ramo da árvore da fé. E quando Deus começou a levar sua Igreja à perfeição, vida, condição e pobreza da Igreja primitiva, àquêl estado em que o Cristo tinha confiado a Igreja ao santo apóstolo Pedro.

De acôrdo com o testemunho de Guidonis muitos dos apóstolos de Cristo perseguidos, após o ano de 1300 e já um pouco antes fugiram de seu país e passaram para a Espanha. O próprio Guidonis, inquisidor, escreveu uma carta a Espanha, em maio de 1316, alertando contra a heresia. Rodriguez, arcebispo de Compostela respondeu a Guidonis, confirmando a penetração da heresia em certas regiões da Espanha, e pedindo intruções inquisitoriais ao inquisidor experiente. Um dos traços de sua doutrina se manifesta no ataque aberto e direto ao Papado e à limitação de seu poder, como vemos em Guidonis.

“Item, quod nullus papa Romane ecclesie potest aliquem absolvere nisi esset ita sanctus sicut fuit beatus Petrus apostulus, vivendo in omnino da paupertate sine próprio et in humilitate, non faciendo guerras nec aliquem persequendo, set permittendo quemlibet in sua libertate”.

Também afirmavam os apóstolos de Cristo, que, após a época do Papa Silvestre a Igreja abandonou o gênero de vida dos primeiros santos, salvo o frade Pedro de Morrone, que foi fundador dos Celestinos e mais tarde, a 5 de julho de 1294, Papa Celestino V.

Houve uma Cruzada organizada por Clemente V, em 1305, onde muitos foram capturados e supliciados.

No ano de 1307, Dolcino foi prêso e encarcerado juntamente com Margarida. Após julgamento, seus corpos foram mutilados e queimados. Ainda se encontravam traços de Pseudo-Apóstolos em Pádua, em 1350, na Sicília em 1372, em Narbonnais em 1374 e em Lubeck em 1402 (1).

(1). — *Rerum italicarum scriptores*, t. IX, 5ª parte, p. XXXVIII; Mansi, *Sacrosanctorum conciliorum...* colectio T. XXV, col. 296.

Desde o início andavam com os cabelos longos, uma túnica branca com uma pelerina branca em redor do pescoço. Seus membros deviam percorrer o mundo, mendigando à maneira dos pobres, vivendo de esmolas, e devendo pregar ao povo:

“Fazei penitência, pois o reino dos céus está proximo”. (Mat. III, 2).

Alguns iam descalços, outros usavam sandálias.

Após cêrca de vinte anos de existência da seita, o Papa Honório a condenou com a bula *Olim felices recortationis* de 11 de março de 1286.

Nicolau IV enviou uma carta aos prelados da Igreja, no ano de 1290, alertando-os acêrca da heresia. Apesar de certo declínio da seita nesta época, houve pouco depois um renascimento e expansão que levou os inquisidores da Itália a procurá-los e a agir contra êles.

Um golpe forte sofreu a seita com o aprisionamento de Segarelli e um número de seguidores, acabando Segarelli por subir à fogueira, apesar da proteção que lhe deu o bispo Opizzo, segundo a narrativa de Salimbene (2). Com o desaparecimento de Segarelli, Dolcino agrupou algumas milhares de pessoas de ambos os sexos, sobretudo na Itália (Toscana e regiões circunvizinhas) Dolcino escreveu três epístolas das quais duas foram resumidas por Bernardus Guidonis em sua *Practica Inquisitionis*. A primeira carta data de agôsto de 1300. Afirma Dolcino que a sua congregação é uma congregação espiritual.

Caracterizada por um gênero de vida apostólico, verdadeiramente com uma pobreza especial, admitindo sômente uma obediência interna com exclusão de todo liame exterior, essa seita, afirma êle, eslhida e enviada para a salvação das almas, bem como o que está à frente da congregação, não deixa de ser um enviado de Deus e objeto de uma escôlha especial. Êle recebeu as revelações dos acontecimentos presentes e futuros com a missão de explicar as profecias e interpretar nestes últimos tempos as escrituras do Antigo e Nôvo Testamento.

Todos os que o perseguem, clero secular, muitos do povo, Predicadores e Menores serão exterminados e os que sobreviverem passarão à seita e se juntarão a êle. Distingue na condição de santos quatro idades caracterizadas cada uma por um gênero de vida. À primeira pertenceu aos Pais, patriarcas e profetas do Antigo Testamento e outros justos até a vinda de Jesus. Neste estágio o casamento era coisa boa e louvável: assim o exigia a multiplicação do gênero

(2). — *Chronica*, ed. de Holder-Egger na “Mon. Germ. Hist., Script”. T. XXXII, p. 264-265.

humano. Porém no fim, os filhos se desviaram da conduta honesta e espiritual de seus antepassados. E pois, assim, para sanar a sua inconstância apareceu Cristo, com seus apóstolos, seus discípulos e aquêles que o imitaram. Essa foi a segunda idade dos santos e para êstes últimos um nôvo gênero de vida. Êles foram o remédio perfeito para a enfermidade dos que os haviam precedido. Êles manifestavam a verdadeira fé pelos milagres, pela humildade, a paciência, a pobreza, a castidade e outros exemplos de vida virtuosa, opostas às tendências que haviam desviado os homens da primeira idade. Nesta segunda fase, a virgindade e a castidade eram preferíveis ao casamento, à pobreza, à abundância, melhor era viver sem nada de próprio que de possuir as riquezas da terra. Esta época durou até a época do Papa Silvestre, e do Imperador Constantino, mas então, já se afastavam da perfeição das origens.

A terceira idade começa com o Papa Silvestre, ao tempo de Constantino. E' nesse tempo que os gentios gradativamente vão se convertendo em massa à fé de Cristo. Recém-convertidos, não tinham ainda esfriado no amor a Deus e ao próximo, assim sendo, melhor foi que o Papa Silvestre e seus sucessores aceitassem e possuissem bens e riquezas terrestres do que praticar a pobreza apostólica; foi melhor a fim de manter e guardar os povos e exercer sobre êles uma dominação a fim de conservá-los. Mas quando os povos começaram a esfriar no seu amor a Deus e ao próximo e se desviar das práticas de São Silvestre, o melhor gênero de vida foi o de São Bento, sendo mais severo no que toca aos bens terrestres e mais afastados do poder temporal. Nessa época louvável era o gênero de vida dos bons clérigos que se conduziam como monges; ainda que o número de bens dos clérigos tenha diminuído e o número de monges tenha aumentado. Mais tarde, quando clérigos e monges esfriaram inteiramente no amor a Deus e ao próximo e abandonaram quase completamente a sua condição anterior, o melhor gênero de vida foi o de São Francisco e o de São Domingos, mais estrito que o de São Bento e dos monges em matéria de posses terrestres e de poder temporal. E, enquanto que prelados, clérigos e religiosos se tornaram frios em relação ao amor de Deus e ao próximo e que todos deixaram as práticas de seus predecessores, neste caso é preferível, agora voltar ao próprio gênero de vida dos apóstolos, antes de abraçar qualquer outro. Êste gênero de vida apostólica estava reservado por Deus para êstes últimos tempos. E é justamente êste tipo de vida que foi inaugurado por Gérard Segarelli de Parma, grande amigo de Deus; durará e persistirá até o fim do mundo e trará seus frutos até o dia do julgamento. E' a quarta e última idade caracterizada por um gênero de vida pròpriamente apostólico, diferente

àquêle de São Francisco e de São Domingos. Êstes últimos possuem casas e carregam as esmolas que recolhem. Mas nós, diz Dolcino, não temos casas e sim levamos os produtos das esmolas, é por isto que a nossa vida constitui o maior, o último, e o universal remédio. Mais adiante, profetiza que todos os membros das ordens e da hierarquia eclesiástica serão exterminados pròximamente, às mãos de um imperador e de novos reis que Deus constituirá, todos serão mortos e desaparecerão da face terrestre. Êste nôvo imperador será Frederico III, rei da Sicília, filho de Pedro, rei de Aragão. Beguinos e pseudo-apóstolos depositarão suas esperanças em Frederico (1272-1337), que estava em guerra com a Santa Sé, sob o pontificado de Bonifácio VIII. Um nôvo Papa subirá e será um Papa santo. Dolcino fala dos sete anjos e sete igrejas do Apocalipse: 1). — o anjo de Êfeso (3), foi o bem aventurado Bento, sua igreja, a ordem monacal; 2). — o anjo de Pérgamo (4), foi o Papa Silvestre; sua igreja, foram os clérigos; 3). — o anjo de Sardes (5), foi Francisco, sua igreja, os frades Menores; 4). — o anjo de Laodicéia (6), foi Domingos, sua igreja, os frades Predicantes; o anjo de Smirna (7), foi Gerard de Parma, que os pecadores mencionados acima mataram; 6). — o anjo de Tírtira (8), é frei Dolcino, da diocese de Novara; 7). — o anjo de Filadélfia (9), será o mencionado santo Papa, e estas últimas três igrejas são constituídas pela congregação apostólica enviada nestes últimos tempos.

Dolcino distingue quatro etapas na história da Igreja. Na primeira etapa: bondade, humildade, pobreza e perseguição, foi o tempo de Cristo e dos apóstolos. Na segunda: bondade, castidade, honra e riqueza; foi o tempo do Papa Silvestre. Na terceira etapa: riqueza, avareza, fornicação, honra e soberba, é o tempo que dura há muito tempo e até hoje. A quarta etapa é parecida com a primeira; e nasceu com Segarelli que, enviado de Deus inaugurou uma vida de perfeição evangélica.

IV

JOAQUIM DE FLORA

Da grande riqueza de vida religiosa da Idade Média desenvolveu-se pela metade do século XIII no seio da Ordem Franciscana, uma

(3). — *Apocalipse*, II, 2.

(4). — *Apocalipse*, II, 12.

(5). — *Apocalipse*, III, 1.

(6). — *Apocalipse*, III, 14.

(7). — *Apocalipse*, II, 8.

(8). — *Apocalipse*, II, 18.

(9). — *Apocalipse*, III, 7.

alarmante corrente de espiritualismo extremista, que adquiriu larga difusão e importância também no mundo laico, pois coincidiu com a crise do pensamento unitário medieval por causa do averroísmo e com a propugnação de uma concepção estatal fortemente secularizada. Essa corrente vinculava-se ao pensamento do abade cisterciense Joaquim de Flora, na Calábria (1202).

Joaquim era um asceta estimadíssimo, devotado à Igreja e fundador de uma congregação cisterciense reformada (*Ordem Florensis*). Como Gilbert de la Porre, assim êle também foi envolvido por uma especulação imprudente no êrro do triteísmo; o IV Concílio de Latrão de 1215, no can. 2, condenou o seu escrito, para nós perdido *De unitate trinitatis*. Conseqüências ainda mais fatais trouxeram as suas especulações a respeito do curso da história do mundo e da Igreja e as suas profecias de caráter apocalíptico-reformista. Êle as expôs em três escritos fundamentais: *Concordia Novi et Veteris testamenti*, *Expositio in Apocalypsim* e *Psalterium decem chordarum*, expandindo-se amplamente, num fantástico simbolismo numérico e uma profunda interpretação alegórica e tipológica da Sagrada Escritura; o tratado culminava na profecia da última idade do Espírito Santo, próxima a realizar-se; que teria levado a Igreja secularizada a uma reforma radical.

Joaquim não pôs como centro de sua teologia da História a Cristologia, como até então se fizera mas a Trindade. As três pessoas em Deus fêz corresponder três épocas diversas (*status*) da história da salvação; a idade superior a Cristo ou Idade do Pai, dominada pela letra da lei e pela carne, a época dos desposados e dos laicos; a Idade do Filho (42 gerações de 30 anos cada uma, segundo *Mt*, 17) que representa um estágio intermédio entre o espírito e a carne, época dos clérigos; enfim, a terceira e última idade, a do Espírito Santo e dos monjes, a partir de 1260, na qual o *Evangelium eternum* (*Apc* 14, 6), isto é, uma interpretação espiritual superior (*intelligentia spiritualis*) dos dois Testamentos teria sido pregada por uma nova ordem monástica (*Ordo iustorum*) e a corrompida Igreja da carne teria cedido o lugar à perfeita Igreja do espírito.

E' evidente que tal especulação estava em nítida contradição com o conceito corrente da *Civitas Dei in terris* e era a mais indicada para levar ao repúdio e à dissolução os conceitos da Igreja e de hierarquia. Dada as angústias do tempo, ela encontrou bastante aceitação, especialmente no ambiente rigorista dos Espirituais, que representavam uma corrente mais rígida na ordem franciscana. Também o Geral dos Menores, João de Parma (1247-57) a acolheu com simpatia.

O franciscano Gerardo de Borgo San Donnino publicou em 1254, o seu *Introductorius in Evangelium eternum*, no qual apontava como

“evangelho eterno” exatamente as obras de Joaquim, exaltava São Francisco como o nôvo legislador e profeta enviado por Deus e indicava nos franciscanos (Espirituais) a nova ordem da última idade anunciada por Joaquim. Desencadeou-se imediatamente uma feroz perseguição contra êles.

Em conseqüência de uma pesquisa levada a cabo por uma comissão pontifícia em Anagni, o *Introductorius* foi condenado por Alexandre IV em 1255, e a Gerardo foi infligida a detenção perpétua num convento, sendo que os escritos de Joaquim foram condenados num sínodo provincial de Arles (depois de 1263).

Não se pôde, porém, sufocar a corrente joaquimita, e a idéia de uma renovação da Igreja, a se alcançar com a supressão do seu poder terrestre, idéia que dominou, mesclada com idéias políticas de natureza variada, por tôda a Idade Média, na mente de muitos. Com essa influência devem-se relacionar também, certas manifestações de devoção excêntrica, com as procissões dos “flagelantes” (flagelários, flageladores) em 1260-1261, que partindo de Perúgia se difundiram através da Itália Central e Setentrional até a Alemanha e obrigaram as autoridades eclesiásticas a intervir. Também na eleição de 1294 de Celestino V, no qual muitos quizeram ver o “papa angélico” influíram as idéias joaquimitas. Pouco mais tarde representavam tal movimento o médico e o teólogo laico Arnaldo de Vilanova (1311), de confiança de Bonifácio VIII (1). A divisão histórica de Joaquim tem seus antecedentes no tipo de divisão histórica fundada por Santo Agostinho e que serviu de base para interpretações místicas mais profundas no correr da Idade Média.

Santo Agostinho se inspira antes de tudo no estabelecido no Evangelho de São João, berço e incubadora das grandes visões escatológicas e apocalípticas dos séculos posteriores. Segundo Santo Agostinho temos as seguintes etapas na vida da humanidade: a). — de Adão ao Dilúvio, b). — Abraão, c). — David, d). — o Exílio, e). — nascimento de Cristo, f). — o momento atual, g). — o dia da paz que anuncia o futuro, que não terá mais crepúsculo.

Um dos predecessores de Joaquim de Flora no tocante ao tipo de divisão histórica adotado segundo etapas, é Scotus Erigena (810-877) que estabelece três grandes divisões, cada uma marcada por um sacerdócio: a). — o primeiro sacerdócio, o do Antigo Testamento, que viu a verdade através das nuvens de mistérios ininteligíveis, b). — o segundo sacerdócio, o do Nôvo Testamento, iluminado com alguns raios de verdade e com alguns símbolos obscuros, c). — o terceiro sacerdócio, o da vida futura, que deixará ver a Deus sem mediação.

(1). — M. M. Pelayo, *História de los Heterodoxos*, B. A. C. 1965, pg. 479-512.

Ao primeiro corresponde a lei natural, ao segundo corresponde a lei da graça, ao terceiro corresponde o reino de Deus. O primeiro levantou a natureza humana corrompida; o segundo a enobreceu pela fé, a esperança e a caridade; o terceiro a iluminará pela contemplação.

O primeiro figurado pela arca material, foi dado a um povo carnal, a quem só a letra comovia. O segundo pelos símbolos tangíveis dos sacramentos, encaminha as almas à vida espiritual que não se realizarão plenamente mais que no Paraíso. Assim se dissiparão na luz da Igreja futura a aparência da Igreja presente.

Scotus, em sua homília sôbre o primeiro capítulo de São João não teme em dizer que o Espírito Santo seja, em Jesus Cristo, sob uma figura humana é o princípio da vida divina (2). A Igreja do Nôvo Testamento não é pois mais que a imagem simbólica da Igreja Eterna. E já desde sua vida terrestres os cristãos da ordem contemplativa penetraram nesta Igreja superior e participam da espiritualidade da vida celestial.

Na afirmação de Scotus haverá uma subida de Igreja do Verbo à Igreja do Espírito.

A doutrina de Scotus reaparece na escola de Amaury de Chartres que dizia:

“O poder do Padre durou tanto como a lei mosaica, e, como está escrito: na aparição das coisas novas as velhas serão rechaçadas, depois da chegada de Cristo todos os sacramentos do Antigo Testamento foram abolidos, e a nova lei permaneceu em vigor até hoje. Mas desde agora, os sacramentos do Nôvo Testamento terminaram e a era do Espírito Santo começou. O Pai está encarnado em Abraão, o Filho em Maria, o Espírito Santo encarna cada dia em cada um de nós. O Filho atuou até o presente, mas o Espírito Santo opera desde agora e sua obra durará até o fim do mundo”.

Esta lei definitiva, era segundo êle, o terceiro Testamento.

Giovanni dei Gioachini, nasceu em Celico, perto de Cosenza, na Calábria, em 1135. Seu pai pertenceu a burguesia nobre do reino normando. Ao se converter a fé fêz uma viagem a Constantinopla e a Palestina. Ao voltar a Calábria ingressou na Ordem Cisterciense em Sambucina em 1160. Em 1177 recebeu a dignidade abacial no mosteiro de Corazzo. Considerado como profeta e homem santo, Joaquim se encontrou com personalidades importantes de sua época, inclusive com Ricardo Coração-de-Leão em Messina durante a ter-

(2). — COMMENT. *In Evang. Joann.* M. P. L., 308.

ceira Cruzada (1190-1191). Mas um dia fugiu do mosteiro e foi para Roma para suplicar a Lúcio III que o tirasse do cargo que o impedia de meditar na palavra de Deus. O Papa o devolveu à liberdade e Joaquim voltou à Calábria. Ermitão, retirou-se para o deserto de Pietralata, compondo a *Concórdia*, o comentário sôbre o Apocalipse, o *Saltério* de dez cordas. Em 1188 êle deixou Corazzo e retirou-se para Sila (num planalto da Calábria) onde fundou uma comunidade de eremitas em San Giovanni de Fiore, de onde saiu a Ordem Florence. A sua regra foi aprovada em 1196 pelo Papa Celestino III. Nos últimos dias, Joaquim se fêz transportar à Tebaida de Pietralata, ao pequeno Convento de São Martinho para aí morrer em 30 de março de 1202.

O primeiro estado religioso, na célebre divisão de Joaquim, é o período em que os homens viveram segundo a carne e êle se estende de Adão a Jesus Cristo, trazendo seus frutos de Abraão a Zacarias; o segundo estado religioso é o período em que os homens viveram entre a carne e o espírito, e começou com Osias e Eliseu e chega até o tempo em que escreve Joaquim, trazendo os frutos desde Zacarias até São Bernardo; o terceiro estado é aquêle em que se viverá segundo o espírito sòmente, e que começou com São Bento e durará até a consumação dos séculos. Dêstes três períodos ou estados, os dois últimos concorrem, por sua origem, com o fim da época precedente e correspondem êles três a ordens de pessoas às quais Deus se encarregou de manifestar a vida religiosa em seu mais alto grau:

1). — a ordem dos esposos, isto é; dos patriarcas, depois a dos reis;

2). — a ordem dos clérigos que começou pela trilha sacerdotal de Judá e de Osias e produziu a sua maior figura em Jesus Cristo, rei e sacerdote supremo;

3). — a ordem dos monges, da qual São Bento foi o primeiro. Houve algo antes dêle, mas sòmente com êle é que o monaquismo recebeu o “Espírito Santo que mostrou a sua autoridade perfeita”.

Os três estados, ou tempos, possuem caráter próprio em relação a muitos valores, diferenciando-se nitidamente um do outro. Como em outros místicos medievais, em Joaquim se encontra a Trindade como fundamento para uma especulação religiosa, como dissemos mais acima.

Vejamos os diversos valores distribuidos nos três tempos.

<i>I Tempo</i>	<i>II Tempo</i>	<i>III Tempo</i>
conhecimento	sabedoria	inteligência plena
obediência servil	servidão filial	liberdade
prova	ação	contemplação
temor	fé	amor
idade dos escravos	idade dos filhos	idade dos amigos
velhos	jovens	crianças
fulgor das estrêlas	aurora	estio
inverno	princípio da primavera	verão
urtigas	rosas	açucenas
erva	espigas	trigo
água	vinho	azeite
septuagésima	quadragésima	feira da páscoa
Pai	Filho	Espírito Santo

O Evangelho eterno será compreendido pela inteligência espiritual, *misticus intellectus*, a única que chega ao Espírito Santo, e fará então florescer uma Igreja completamente mística.

As interpretações sôbre a doutrina de Joaquim e sua personalidade são muitas. Já um dos seus primeiros biógrafos, Luca, arcebispo de Cosenza, afirma ter conhecido Joaquim na abadia cisterciense de Casamari, e ter sentido o fascínio de sua forte personalidade, colocando-se ao seu lado como amanuense para seguí-lo nas suas incansáveis peregrinações. Autores modernos colocam Joaquim como seguidor de uma tradição eclesiástica oriental (entre êstes o medievalista italiano Tocco). Outros o vêem enquadrado no monaquismo de seu tempo, observando que êle é filho do espírito cisterciense, isto é: de uma reforma eclesiástica tipicamente latina.

O que se pode verificar é que Joaquim vê na unidade da Igreja, seja da Oriental ou da Latina o início da palingênesia espiritual anunciada em seus escritos. Também a conversão de Israel é condição para a transformação universal, assim como sinais dela se encontram na reforma cisterciense e florence.

As preocupações financeiras da Igreja de Celestino III e as contravérsias devido a estas questões, com Henrique VI, devia levar aos que sonhavam com uma cúria menos mesclada com os interêsses terrenos a alimentar um entusiasmo com as idéias de Joaquim de Flora.

É preciso destacar que a crítica joaquimita se faz no seio da Igreja e dentro de sua obediência, contrariamente à aberta rebelião dos seguidores de outras heresias, como exemplo a dos valdenses. No *Tractatus super quatuor Evangelia*, que Buonaiuti em sua introdução considera

“che sono uno degli ultimi suoi grandi scritti, e che quindi possono considerarsi come il suo testamento” (3),

alude aos Pobres de Lyon, uma vez para reprovar-lhes a hostilidade ao trabalho (c. 107A2 e B1); outra para deplorar-lhes a indisciplina (c. 113Aq); outra novamente para repudiar o trabalho (c. 135B1). O fato de apregoar a unidade da Igreja grega e latina não é nisso que se salvará a idéia cristã, mas do monaquismo virá a salvação (c. 106A1). De um monaquismo purificado e simplificado dos quais já encontramos os germes (c. 112AI,2). O nôvo tipo de Ordem contemplativa e missionária tem como regra a pobreza e a contemplação. A Igreja hierarquisada cederá o pôsto para a Igreja espiritual; e Elias o profeta da nova verdade já veio:

praesente iam in mundo, ut credimus Helya (cod. Ant. 322, c. 107A2). *Deus prostat superbiam diaboli in voluntaria paupertate electorum “suorum”* (ibid., 90A2); e *prior enim fuit vita contemplativa in paradiso, quem activa in mundo et tamen ob peccatum primi hominis factum est praecederet quod animale est, sequeretur quod spiritale* (ibid., 107B2).

Enfim o profeta calabrês, com tais idéias iria fornecer a plataforma para o desenvolvimento de novas heresias. Joaquim não será esquecido, mas exercerá, sem talvez o querer, um patronato espiritual durante mais de um século na história da heresia medieval.

(*Continua*).

(3). — *Tractatus super quatuor Evangelia di Gioacchino da Fiore*, Instituto Storico Italiano, 1930, p. xxxviii-xxxix.